

Descoberta e escavação

O Abrigo do Lagar Velho fica situado no vale do Lapedo, uma garganta com cerca de 2 km de comprimento e cerca de 90 m de profundidade escavada pela ribeira da Caranguejeira nos calcários do Cretácico que, junto à cidade de Leiria, 135 km a norte de Lisboa, formam a margem norte do Maciço Calcário Estremenho. O abrigo localiza-se na margem esquerda da ribeira, junto à saída do canhão, numa zona em que este apresenta uma direcção E-W, e, portanto, encontra-se virado a Norte.

O sítio foi identificado como jazida pré-histórica em finais de Novembro de 1998. Uma terraplanagem efectuada quatro anos antes havia eliminado a quase totalidade da parte superior do depósito, numa espessura variando entre 2 e 3 m. Em consequência, no momento da descoberta, desta parte da sucessão estratigráfica apenas se conservava, preenchendo uma fissura estreita e comprida na parede de fundo do abrigo, um pequeno testemunho pendurado 1.5-3 m acima do solo actual. A superfície deste último fica à cota de 83 m e domina de cerca de 4 m o fundo rochoso da ribeira, de que se encontra separada por um escarpado antropicamente modificado criado na sua forma original pelo processo de incisão do curso de água.

A identificação de um enterramento infantil do Paleolítico Superior inicial no sector Este do abrigo, a apenas alguns centímetros de profundidade, ditou a realização de uma intervenção de emergência que viria a decorrer entre meados de Dezembro de 1998 e princípios de Janeiro de 1999. A continuação dos trabalhos, através de campanhas anuais de vários meses de duração levadas a cabo entre 1999 e 2002, permitiu estabelecer um quadro de referência geológico e arqueológico para a ocupação humana do abrigo ao mesmo tempo que, em paralelo, se fazia o estudo antropológico dos restos humanos. Nos termos das convenções normalmente usadas em Paleontologia Humana, o esqueleto da “criança do Lapedo” foi designado como Lagar Velho 1.

Estratigrafia, paleoambiente e ocupação humana

Para reconhecimento da estratigrafia dos depósitos preservados *in situ* abaixo da cota de terraplanagem abriram-se três sondagens em profundidade. A sondagem Este, sob a sepultura, uniu-se com a sondagem central através de uma vala de ligação disposta paralelamente à parede do abrigo. Entre a sondagem central e a sondagem Oeste abriu-se uma zona de escavação em área para decapagem dos solos de habitat detectados nos cortes. Vinte e quatro datações pelo radiocarbono obtidas em diversos laboratórios e sobre amostras de diversos tipos permitiram determinar a cronologia absoluta dos depósitos e dos episódios de actividade humana neles registados.

Até cerca de 23 000 BP, a sucessão observada apresenta importante variação lateral. Para Este do afloramento do substrato rochoso identificado no quadrado J17, a respectiva base corresponde a depósitos de vertente — o complexo *bs* (*lowest slope deposit*); para Oeste, a depósitos aluviais que enchem uma depressão que se estende até ao quadrado F3, onde o substrato aflora novamente — o complexo *al* (*alluvial*). Uma descontinuidade marcada separa estes depósitos de base do complexo transicional sobrejacente (*tc*, *transitional complex*), identificado em todas as sondagens.

A datação de uma amostra de osso proveniente do quadrado K20 e recolhida na superfície de contacto erosiva entre os complexos *bs* e *tc* deu o resultado de 27 100 ± 900 BP (OxA-10849), indicando que os processos que deram origem a essa superfície terão ocorrido antes

de 27 000 BP. Neste horizonte de acumulação de restos de fauna não foram encontrados quaisquer artefactos, mas um dos ossos recolhidos nos depósitos aluviais apresentava marcas de corte por instrumentos de pedra. É possível, por conseguinte, que a acumulação destes vestígios esteja relacionada com uma ocupação humana do lugar no final do Paleolítico Médio ou no extremo início do Paleolítico Superior. A comprovação de tal hipótese deverá aguardar a continuação da escavação dos quadrados L-M/20-22, onde a cota correspondente ainda não foi atingida.

A truncatura do enchimento do abrigo pelos trabalhos de terraplanagem e a escavação da sepultura não permitiram a conservação de um registo longitudinal contínuo da sucessão estratigráfica. Por isso, o modelo de correlação entre os sectores oriental e ocidental do abrigo na parte superior do complexo *tc* é em parte baseado na inferência, não na observação directa. Na zona da sepultura (quadrados J-K/20), ao complexo *tc* segue-se o complexo *gs* (*gravel and sand*), o qual, no entanto, pode não ser senão uma fácies lateral do primeiro, relacionada com escorrências superficiais de elevada intensidade. Os dados do radiocarbono não permitem afastar nenhuma das hipóteses (sobreposição estratigráfica ou heteropia lateral), já que, estatisticamente, não é possível distinguir entre os resultados obtidos para o complexo *tc* em J13 e os obtidos para o contexto sepulcral do complexo *gs* em L20: 24 950 ± 230 BP (OxA-10674) para o primeiro, e de 24 860 ± 200 BP (GrA-13310) a 23 920 ± 220 BP para o segundo (OxA-8422).

No sector Este, a superfície deixada pela terraplanagem trunca o complexo *gs* mas, nos sectores central e Oeste, trunca o complexo *ms* (*middle slope deposit*), separado de *tc* pelo complexo *ls* (*lower slope deposit*). Na interface entre os complexos *ls* e *ms* observa-se um paleossolo pouco desenvolvido. Com excepção do horizonte de acumulação de restos ósseos identificado na interface entre *bs* e *tc*, e do contexto sepulcral do topo de *gs*, os depósitos anteriores a este paleossolo são arqueologicamente estéreis; os conjuntos faunísticos neles contidos documentam actividade de carnívoros, acumulação de restos de microfauna pelas aves de rapina, e morte natural de coelhos, de pequenos répteis e de anfíbios.

É na base do complexo *ms* que volta a haver registo da presença humana no abrigo, sob a forma de uma densa mancha carbonosa com artefactos, restos de fauna e seixos queimados identificada na sondagem do sector Oeste. Uma amostra de osso carbonizado recolhida no quadrado F3 permitiu datar este nível de ocupação de 23 042 ± 142 BP (Wk-9571). Cerca de 50 cm acima, um segundo nível de ocupação dentro de *ms* foi datado de 22 493 ± 107 BP (Wk-9256) a partir de uma amostra de carvão de *Pinus sylvestris* recolhida no quadrado H4 adjacente. Este segundo nível — a paleo-superfície EE15 — foi objecto de uma decapagem em extensão, que revelou estruturas de combustão bem delimitadas em torno das quais se distribuíam acumulações diferenciadas de restos evidenciando uma divisão espacial das actividades. Entre a lareira dos quadrados H-I/7-8 e a parede do fundo localiza-se uma área de fabricação expedita de lascas de quartzito a partir de seixos recolhidos nas imediações, destinadas a consumo imediato e seguido de descarte no próprio sítio, produzindo conjuntos líticos que remontam em elevadíssima percentagem. Para Oeste da lareira estende-se uma área de acumulação de restos ósseos documentando o esartejamento e consumo das carcaças de cerca de duas dezenas de animais, na sua maioria veados.

A excelente preservação da estrutura espacial da ou das ocupações humanas da paleo-superfície EE15 explica-se pela elevada velocidade dos processos de acumulação de sedimentos vigentes durante a formação do complexo *ms*. A parte superior deste último pode observar-se na base do testemunho pendurado, onde foi datada de 22 390 ± 280 BP (OxA-10303), resultado que é estatisticamente idêntico ao obtido para a amostra Wk-9256, colhida 120 cm mais abaixo. Da conjugação dos diferentes dados radiométricos obtidos infere-se

uma taxa de sedimentação da ordem dos 3 mm/ano para o período compreendido entre cerca de 22 500 e cerca de 22 000 BP.

O testemunho pendurado preserva igualmente a parte inferior do complexo *us* (*upper slope deposit*), cuja acumulação coincide com o último máximo glaciário e cuja estruturação interna forma um registo muito pormenorizado da extrema instabilidade climática então vigente, traduzida numa alternância entre fases de sedimentação rápida e potente e fases de erosão violenta deixando cicatrizes erosivas extensas e muito marcadas. Na zona do testemunho situada por cima das fiadas 3-5 da quadrícula, não afectada por estes processos, observam-se, no interior de *us*, duas unidades estratigráficas bem diferenciadas, separadas por uma descontinuidade erosiva. O nível TPO6, do Gravettense Terminal ou Proto-Solutrense, data de entre 21 500 e 21 000 BP. O nível TPO7, do Solutrense Médio, data de entre 20 500 e 20 000 BP.

Estes níveis caracterizam-se ambos por densidades muito elevadas de artefactos — restos de talhe, utensílios em pedra e em osso, objectos de adorno — e de ecofactos — restos de fauna, carvões, seixos queimados. Do espectro antracológico infere-se a exploração para combustível da madeira fornecida por bosques abertos de pinheiro-silvestre com um estrato arbustivo formado por espécies dos géneros *Erica* e *Cytisus*. Esta paisagem regional pleniglaciária tem análogo actual na associação *Polygalo-Pinetum sylvestris* dos solos calcários do andar compreendido entre os 1100 e os 1800 m de altitude da vertente meridional dos Pirenéus. A composição dos conjuntos líticos e a abundância de restos de lareiras sugerem ocupações de natureza residencial, em contraste com as ocupações curtas e altamente especializadas da base do complexo *ms*. A fauna é dominada pelo coelho e, entre os herbívoros, pelo cavalo e pelo veado. Uma vértebra de cetáceo documenta o consumo de recursos provenientes da costa, a qual, à época, devido ao abaixamento do nível do mar para cotas inferiores a -100 m, se situava a mais de 50 km de distância.

A sucessão estratigráfica é encimada pelo complexo *ts* (*top soil*), identificado no sector Este do abrigo, onde preenche fissuras a cota superior à do testemunho pendurado, cerca de 4 m acima do solo actual. O perfil pedológico observado indica um desenvolvimento prolongado, provavelmente ao longo de todo o Holocénico. A inexistência de conteúdo arqueológico nos depósitos conservados, e a separação física entre *ts* e *us*, não permitem, porém, averiguar até que ponto a acumulação de sedimentos no abrigo prosseguiu durante o Magdalenense e épocas subsequentes ou acabou ainda durante o Solutrense ou pouco depois.

A sepultura infantil do Gravettense

Dos trabalhos de reconhecimento crono-estratigráfico do preenchimento do abrigo resulta, assim, que o sítio terá sido utilizado de forma regular ou continuada no período entre cerca de 23 000 e cerca de 20 000 BP, com especial intensidade a partir de 21 500 BP. É igualmente possível que grupos humanos tenham acampado no local por volta de 27 000 BP. Entre 27 000 e 23 000 BP, porém, a única actividade humana registada é o enterramento infantil datado de cerca de 24 500 BP. À época, o sítio devia corresponder a uma estreita faixa de terra isolada entre a parede do abrigo, a sul, a ribeira, a norte, uma queda de água, a este, e uma nascente cársica, a oeste. Em virtude desta situação, o lugar, não sendo próprio para habitat (talvez também por causa da elevada humidade do solo), não teria deixado de constituir um marco territorial e paisagístico muito significativo e, por isso, idóneo para a realização de actividades rituais ou cerimoniais como as representadas pelo enterramento infantil.

Colocado numa reentrância da parede de fundo do abrigo, protegido por um tecto rochoso que o poupou à obliteração completa que de outro modo teria decorrido da terraplanagem de finais de 1994, este contexto sepulcral não deixou mesmo assim de ser por ela parcialmente afectado. O crânio e o braço direito devem ter sido atingidos de raspão pela pá mecânica, razão pela qual o úmero direito desapareceu. Os restos muito fragmentados do crânio, porém, puderam ser encontrados e recuperados em percentagem muito considerável: estavam em grande parte acumulados numa zona de terras revolvidas situada cerca de três metros para Este da sepultura, para onde terão sido arrastados pelos movimentos da máquina. Foi assim possível refazer fisicamente uma boa parte da calote, completada virtualmente por processos de modelação informática que, por sua vez, através de estereolito-grafia, geraram réplicas a três dimensões do crânio reconstruído.

No terreno, esta recuperação dos fragmentos dispersos do crânio e da dentição foi realizada através da escavação e posterior triagem manual da totalidade dos sedimentos revolvidos que se encontravam espalhados por uma área de cerca de 56 m² em redor da sepultura. Todos os restos humanos recolhidos por este processo pertenciam a um único indivíduo, da mesma idade que o representado pelo esqueleto articulado escavado *in situ*, e correspondiam na sua totalidade a partes em falta neste último. Nada permite pôr em causa, portanto, as inferências de que pertenciam originalmente a esse esqueleto e de que nenhuma outra sepultura existia nos depósitos destruídos pela terraplanagem.

O corpo encontrava-se em decúbito dorsal. A cabeça, ligeiramente inclinada para a esquerda, estava para Este, e os pés, bem juntos, estavam para Oeste. Os braços estendiam-se ao longo do corpo, com a mão direita descansando na anca do mesmo lado. As pernas encontravam-se ligeiramente flectidas e a bacia a cota ligeiramente mais baixa, documentando, tal como a posição ligeiramente mais elevada do crânio, a adaptação do corpo à morfologia em concha de uma fossa sepulcral pouco profunda. Sob as pernas, uma mancha de carvões proveniente da combustão de uma só ramada de pinheiro-silvestre documentava um fogo ritual acendido no fundo da fossa antes da deposição do corpo.

Os ossos e os sedimentos que preenchiam o espaço vazio entre eles tinham uma intensa cor avermelhada, formando uma mancha de limites abruptos, coincidente com o contorno do corpo antes da decomposição dos tecidos moles, e resultante do uso de ocre no ritual funerário. Diversos factos — nomeadamente o de os ossos se apresentarem manchados tanto por cima como por baixo, o de os perónios terem sido encontrados em posição anatómica correcta, e o de os pés terem rotado *postmortem* sem perda de conexão entre os ossos (incluindo epífises), acabando por assentar em plano situado no enfiamento das pernas e alinhados longitudinalmente com estas — indicam que o corpo devia estar envolvido numa mortalha semi-rígida, provavelmente uma pele de animal. A presença e distribuição do ocre no contexto sepulcral explicar-se-ão, assim, pelo facto de essa mortalha ter sido tingida de vermelho com recurso a uma tinta preparada à base deste pigmento mineral, o qual, após a decomposição do suporte sobre que havia sido aplicado, se acumulou sobre os ossos do esqueleto e nos sedimentos que o embalavam.

Na zona do pescoço havia uma concha furada de *Littorina obtusata* também ela tingida de ocre vermelho. Outra, partida, foi recolhida no delgado pacote de sedimentos revolvidos que cobria o contexto funerário *in situ* e poderá igualmente pertencer-lhe. Dadas as suas dimensões, estas conchas apenas poderiam ser dos morfos *fusca*, *olivacea* ou *aurantia*, isto é, teriam tido, originalmente, uma cor castanha escura, verde oliva ou laranja. A estes pendentes provavelmente pertencentes a um colar há que juntar quatro caninos de veado perfurados recolhidos na concentração de fragmentos cranianos em posição secundária situada a Este da sepultura. Pertenciam a quatro animais diferentes, dois machos adultos jovens e

duas fêmeas de idade avançada. Da sua análise tecnológica, bem como da estreita associação espacial com os restos cranianos da criança, resulta que estes objectos deviam pertencer a um adorno usado sobre a testa. As suas composição e disposição deviam ser muito semelhantes às do adorno do mesmo tipo encontrado *in situ* com o indivíduo adulto do sexo feminino Paglicci 3, datado da mesma época; isto é, estariam juntos e arranjados simetricamente, os dois mais pequenos (de fêmea) nas pontas e os dois maiores (de macho) ao centro.

Sobre as pernas da criança estava uma porção semi-articulada de coluna vertebral, e correspondentes costelas, de um juvenil de coelho. Este conjunto pertencia a um esqueleto completo de que se encontraram muitos outros elementos, igualmente tingidos de vermelho, dispersos no interior do contexto sepulcral. Apesar de estes restos se encontrarem em contacto directo com o esqueleto da criança, não havia qualquer alteração da posição anatómica deste último, pelo que a sua presença não pode resultar de morte natural em toca que tivesse sido escavada no contexto sepulcral após o enterramento. A única explicação compatível com os factos observados é a de que se trate de uma oferenda funerária: a deposição intencional, sobre o corpo amortalhado de um juvenil humano, do corpo de um juvenil de coelho morto para a ocasião. É igualmente provável que as pélvis de veado colocadas junto aos pés e ao ombro direito da criança correspondam a peças de carne depositadas na sepultura como parte do ritual funerário, embora os dados disponíveis não permitam excluir em absoluto a hipótese de que se trate antes de componentes naturais do depósito.

Anatomia do esqueleto Lagar Velho 1

A dentição da criança indica que a sua morte terá ocorrido durante o quinto ano de vida. A observação directa dos ossos e a análise das imagens de TAC e de raios X apenas permitiram identificar duas lesões traumáticas menores, uma na face e outra no braço esquerdo. As linhas de Harris pouco marcadas observadas nos ossos longos dos membros e as hipoplasias incipientes do esmalte diagnosticadas no canino superior esquerdo indicam que a criança terá passado por alguns episódios de stress que se traduziram em curtos momentos de paragem do crescimento. Não há, porém, quaisquer indícios de patologias que pudessem ter afectado o desenvolvimento normal do esqueleto e, de uma forma geral, os elementos disponíveis sugerem que se tratava, em vida, de um indivíduo perfeitamente saudável. A ausência de décimas segundas costelas é uma condição não patológica que ocorre clinicamente em populações recentes.

A morfologia geral do crânio é semelhante à dos primeiros homens anatomicamente modernos do continente europeu, e o mesmo se passa com os ossículos do ouvido, que são de tamanho modesto. O labirinto apresenta algumas parecenças com o dos Neandertais mas, globalmente, a sua forma está mais próxima da do homem moderno. A mandíbula tem um queixo proeminente, de morfologia muito parecida com a dos fósseis humanos do início do Paleolítico Superior. O tamanho e proporções da dentição são também tipicamente modernas.

Algumas características do crânio, porém, são próprias dos Neandertais, ou encontram-se entre estes últimos com muito maior frequência. No occipital, as fossas *semispinalis capitis* estão bem marcadas e há fossa suprainíaca. O bordo externo da órbita é espesso, dentro da norma neandertalense e no limite superior de robustez observado em indivíduos imaturos das primeiras populações europeias de homens modernos; a arcada zigomática é de construção muito robusta. O ângulo do plano oclusal com a sínfise mandibular é de 78°, valor muito baixo e especialmente significativo, em termos comparativos, devido à grande proeminência

do queixo. Este traço arcaico é desconhecido tanto em amostras recentes como entre os primeiros homens modernos, para os quais o valor médio de referência é de 91.5°.

No esqueleto pós-craniano, o comprimento da clavícula e a largura da púbis são claramente modernos, do mesmo modo que o tronco estreito que se infere a partir de indicadores diversos. As dimensões da pélvis indicam que se trataria de um indivíduo de pequena estatura, pelo menos por comparação com as populações de referência. A relação entre o tamanho da tíbia e o do fémur, ou proporção crural, no entanto, é claramente “ártica”, de tipo Neandertal. Esta característica não pode ser explicada por factores ligados à nutrição, à plasticidade do esqueleto durante a ontogénese, ou à adaptação de curto prazo às oscilações climáticas. Tal tipo de adaptação pode resultar em mudanças no tamanho e proporções gerais do corpo mas não em mudanças nas proporções entre os diferentes segmentos dos membros. Além disso, uma dezena de milhar de anos após a chegada à Europa dos seus antepassados, os habitantes modernos do País de Gales, da Morávia e da Rússia ainda mantinham corpos de proporções “tropicais”, apesar de viverem sob condições climáticas muito mais extremas do que as que alguma vez se verificaram em Portugal durante a última glaciação.

Esta combinação única de características anatómicas geneticamente herdadas, umas modernas, como o queixo proeminente, e outras neandertalenses, como o índice crural, só pode ser explicada cabalmente em termos filogenéticos. Ela indica que os Neandertais que subsistiam na Península Ibérica quando os primeiros grupos de homens modernos nela começaram a penetrar contribuíram para o património genético das populações da época em que viveu e morreu a criança do Lapedo, três a cinco mil anos mais tarde. Para que, tanto tempo passado, os sinais do processo ainda pudessem ser visíveis na morfologia do esqueleto dessas populações, a miscigenação entre os dois tipos humanos deve ter sido extensa e frequente, não limitada ou episódica.

Implicações científicas

Do ponto de vista taxonómico, os Neandertais, de distribuição geográfica exclusivamente eurasiática, são frequentemente descritos como uma espécie distinta, devido à co-ocorrência na anatomia dos seus esqueletos de uma constelação de traços que os diferencia claramente dos homens de tipo moderno cuja morfologia resulta de um processo evolutivo gradual que pode ser seguido nos fósseis africanos ao longo de todo o Plistocénico Médio. Esta distinção é replicada ao nível genético pelas diferenças significativas que existem entre o ADN da humanidade actual e o ADN fóssil extraído de restos neandertalenses. Destas constatações resultou a dominância e popularização de modelos da evolução humana em que às duas espécies paleontológicas identificadas no presente teriam correspondido, no passado, duas espécies biológicas igualmente diferenciadas, e em que da existência de uma tal diferenciação se inferiu por sua vez um isolamento reprodutivo completo entre os dois tipos fósseis. Em consequência, a extinção dos Neandertais teria resultado da sua substituição total e completa, sem miscigenação, pelas populações modernas que, a partir de África, começaram a espalhar-se pela Eurásia em meados do Plistocénico Superior.

O mosaico de características anatómicas modernas e arcaicas diagnosticado na criança do Lapedo contradiz esta visão dos factos. Ele sugere, pelo contrário, que a extinção dos Neandertais terá sido o resultado a longo prazo de um processo de interacção entre populações dos dois tipos, no quadro do qual o característico fenótipo neandertalense, de efectivos populacionais mais baixos e com menor potencial demográfico, acabou por desaparecer. Do ponto de vista biológico, portanto, a diferença entre Neandertais e modernos, quer tenha

realmente sido de nível específico ou apenas subespecífico, não terá em caso algum sido de molde a criar barreiras reprodutivas intransponíveis entre as populações dos dois tipos, que, por outro lado, haviam atingido patamares de desenvolvimento cultural e tecnológico muito semelhantes.

Do ponto de vista evolutivo, portanto, o destino dos Neandertais terá sido a assimilação/absorção, não a extinção. Modelos explicativos desta natureza tinham já sido formulados com base no reconhecimento de que restos fragmentários de indivíduos anatomicamente modernos da Europa central apresentavam alguns traços morfológicos, sobretudo ao nível do crânio, considerados típicos ou exclusivos dos Neandertais. A criança do Lapedo, porém, é o primeiro fóssil que permite documentar este tipo de mosaico anatómico ao nível de todo o esqueleto. A outro nível, o seu achado, um dos raros enterramentos infantis desta época, e o mais completo e mais bem documentado, permite comprovar a emergência de critérios de diferenciação social perante a morte, determinados pela pertença a classes de idade delimitadas pelos principais momentos da ontogénese (nascimento, desmame, puberdade), critérios de cuja existência não existe prova arqueológica sólida antes do Gravettense.

A integração no contexto arqueológico peninsular e europeu permite modelar de forma mais concreta o processo de interação entre Neandertais e modernos inferido a partir do mosaico anatómico diagnosticado em Lagar Velho 1. Entre cerca de 36 000 e cerca de 30 000 BP, a depressão do Ebro parece ter constituído uma fronteira biocultural estável separando as populações de tipo moderno que haviam ocupado a grande maioria do continente europeu de populações Neandertais que persistiram durante vários milhares de anos nas regiões ibéricas a sul. No presente, essa depressão corresponde também à fronteira que separa os domínios faunísticos ibérico e euro-siberiano, e os dados disponíveis indicam que, no intervalo de tempo em causa, terá desempenhado um papel biogeográfico semelhante: a sul, a Península Ibérica estaria dominada pelo bosque temperado, enquanto, a norte, dominavam as paisagens abertas de tipo estepe-tundra. As populações de tipo moderno que penetraram na Europa ao longo do corredor danubiano desenvolveram adaptações culturais a estes ecossistemas. Quando, com a deterioração das condições climáticas globais após 30 000 BP, tais ecossistemas se estenderam para sul, essas populações começaram a dispersar-se por toda a península, misturando-se com os Neandertais e gerando as populações mestiças de que descendia a criança do Lapedo.

Em Portugal, as indústrias líticas do período intermédio pertencem aos tecnocomplexos Aurignacense e Gravettense e não apresentam quaisquer indícios da sobrevivência de aspectos característicos e arqueologicamente visíveis do tecnocomplexo Moustierense, a que estão associados os últimos Neandertais ibéricos. Esta constatação é compatível com a hipótese de uma interação desequilibrada em favor dos grupos modernos, cujas biologia e cultura acabaram por prevalecer entre as populações miscigenadas que resultaram de tais interações. A diferença nos mecanismos de transmissão (darwinianos no primeiro caso, lamarckianos no segundo) explica por que razão, três a cinco mil anos mais tarde, os vestígios dessa interação ainda são visíveis no plano biológico mas já não no plano cultural. Neste último, as populações de caçadores-recolectores a que pertencia a criança do Lapedo encontravam-se plenamente integradas no mundo da Europa gravettense coeva, como o provam os paralelos à escala continental existentes no ritual funerário e na tipologia dos adornos. As características destes últimos sugerem a existência de uma província cultural atlântica, ou do Sudoeste, unindo a Península Ibérica à Aquitânia e ao Mediterrâneo francês, como também se verifica no domínio da arte parietal. Contemporânea da fase mais antiga da arte do Côa, a sepultura do Abrigo do Lagar Velho permitiu assim a obtenção, pela primeira vez, de um “retrato do artista quando criança.”